

**ENDEREÇO:**

Rua Agnelo de Brito, 187
Centro Empresarial Henry Dunant
1ro. Andar - Bairro Federação
Salvador - BAHIA – Brasil
TELEFONES / FAX: +55 71 3235-1342
E-MAIL: info@ntco.com.br

Obesidade. Sintoma da contemporaneidade?

Tem chamado a atenção o fato da obesidade está atingindo números cada vez mais significativos, em todas as faixas etárias, a nível mundial, a ponto da Organização Mundial de Saúde considerá-la uma epidemia global. O fenômeno contemporâneo do aumento da prevalência de obesidade no mundo suscita grande interesse e tem sido objeto de estudo e pesquisa dos diversos campos do saber devido sua complexidade e riscos. Fatores sociais, culturais, econômicos, familiares, orgânicos, psicológicos, comportamentais, etc, estão envolvidos no processo de estabelecimento da doença. Tentar determinar em que medida cada fator pode estar contribuindo não é tarefa fácil e essa tentativa requer uma investigação complexa.

Embora tenhamos citado uma multiplicidade de fatores na constituição da obesidade, iremos privilegiar aqui algumas reflexões entre esta doença e a contemporaneidade sob a luz da psicologia por uma simples questão de formação e não por considerar esta abordagem mais relevante do que as demais. Sobre a nossa realidade atual, sentimos “na pele” os efeitos de uma sociedade atravessada por uma lógica que contraria a possibilidade do sujeito abrir mão de uma satisfação imediata em prol de uma realização futura. Hoje somos compelidos a buscar satisfações rápidas, práticas, sem demoras. Vivemos de forma acelerada e com a sensação de que nos falta “tempo”. O discurso capitalista cria um sujeito escravo dos imperativos de consumo, da moda, da potência, da beleza, do sucesso... e nós, com extrema facilidade, nos deixamos seduzir e capturar pelo mesmo. A cultura contemporânea, marcada pelo consumo, praticidade e agilidade (a ritmo “on-line”), favorece a falsa concepção de que tudo é possível (“basta correr atrás!”), impulsionando o indivíduo para além do seu próprio limite na busca de completude e satisfação plena. Freneticamente as pessoas buscam estar em sintonia com as demandas dos novos tempos, ainda que para isso acabe por atropelar o seu próprio “tempo”, o que não raro produz angústia, ansiedade, desconforto.

Este pequeno recorte da atualidade aponta para a importância de se refletir sobre seus possíveis impactos sobre o psiquismo. Algumas patologias como anorexia, bulimia, obesidade, depressão, ansiedade, fobias, dentre outras, são referidas como sintomas da contemporaneidade, não por serem “novos” sintomas, mas pelo aumento de incidência das mesmas na atualidade. Nesse sentido, entendemos que em alguns casos a obesidade, com a sua lógica particular do comer, pode ser pensada como uma forma do sujeito reagir sintomaticamente àquilo que o afeta. Nesses casos, podemos considerar a obesidade como um mecanismo metafórico, onde o sintoma representa algo e “fala” através do corpo. O uso subjetivo do corpo salienta o caráter indissociável entre corpo e mente.

Cabe ressaltar também que assim como o psiquismo não é redutível ao plano da consciência, o corpo não é redutível a uma porção somática. Nessa mesma perspectiva, o comer para o sujeito não é apenas da ordem da necessidade. O ser humano não sente apenas “fome” de comida...O comer pode estar a serviço de satisfazer outras questões

**ENDEREÇO:**

Rua Agnelo de Brito, 187
Centro Empresarial Henry Dunant
1ro. Andar - Bairro Federação
Salvador - BAHIA – Brasil
TELEFONES / FAX: +55 71 3235-1342
E-MAIL: info@ntco.com.br

provocadas pelo próprio viver e não apenas por uma necessidade fisiológica. É comum ouvir pessoas falarem que comem mais quando estão ansiosas ou que é mais difícil seguir uma dieta quando não estão bem. Podemos inferir que em alguns casos o alimento funciona como uma defesa, uma compensação, um elemento apaziguador, embora às vezes também apareça como punição, motivando culpa e autodepreciação. Na verdade, o que a relação com a comida pode representar é muito particular, só podendo ser apreendido no um a um.

Constatamos que os sintomas sofrem influência de fatores sócio-culturais e nesse sentido, podemos dizer que eles são históricos (não é à toa que ouvimos falar que “as históricas de hoje não são as mesmas dos tempos de Freud!”). Embora o mundo atual forneça elementos que podem dar uma nova roupagem aos sintomas, as pessoas continuam se perguntando sobre sua existência, sobre sua sexualidade, sobre o que representa para o outro, sobre os enigmas da vida e da morte. Apesar de todo avanço tecnológico e científico, muitas perguntas ainda carecem de respostas (se é que um dia poderão ser respondidas!).

Para tentar dar conta da falta de respostas “precisas” para estas e outras questões - do seu ser e estar no mundo - o sujeito realiza uma construção imaginária sobre essas inquietantes interrogações. Construimos uma realidade psíquica (a partir do que apreendemos da “realidade”) que é mais determinante do que a realidade em si. Essa construção psíquica produz efeito de verdade para o sujeito e orienta sua postura na vida. Nesse processo o corpo não fica de fora, sendo muitas vezes afetado por questões subjetivas, cedendo espaço para os sintomas corporais. Sendo assim, para entender o sujeito, o seu sintoma, além do contexto histórico interessa a saída que cada um pode inventar frente àquilo que lhe afeta, que lhe faz questão, que lhe causa angústia, dúvidas, medos. A forma como a pessoa lida com a sua doença (de origem subjetiva ou não) fornece indícios do lugar que a mesma ocupa na sua vida. Dessa forma, a abordagem da doença, independente da sua etiologia ser psicológica ou não, deve contemplar o sujeito, sua subjetividade, sua história.

Ana Paula Kalil Prisco
Psicóloga do NTCO